

# Cinema (de) sem-teto: apropriações e usos do audiovisual em um movimento popular

**Marina Tedesco\***

## **Resumo**

*Em 2005, o Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST), que atua no Estado de São Paulo, fundou um subgrupo chamado Brigada de Guerrilha Cultural, pertencente ao Setor de Formação. A responsabilidade desse subgrupo era fomentar, por meio dos mais diversos tipos de atividade, uma cultura política própria do movimento que fosse capaz de funcionar, ao mesmo tempo, como propaganda, instrumento de agitação e expressão dos militantes. A iniciativa durou até o final de 2007. Este artigo tem como tema algumas obras audiovisuais realizadas nesse contexto, e o objetivo principal é investigar como tais filmes contribuíram para o surgimento de (novas) identidades.*

**Palavras-chave:** Cinema. Identidade. Movimento sem-teto.

\* Graduada em Comunicação Social - Habilitação em Cinema e Habilitação em Publicidade e Propaganda pela Universidade Federal Fluminense (2005). Atualmente conclui sua dissertação de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Geografia da mesma instituição.



Movimentos sociais produtores de sons e imagens, como provam a longa história do cinema militante/popular/comunitário/alternativo no Brasil e no mundo, não são nenhuma novidade. O que ocorre nos dias atuais é que mesmo os movimentos não massificados e não inseridos em estruturas partidárias/estudantis/sindicais podem deixar de ser espectadores com maior facilidade. Era esse, exatamente, o caso do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST) em 2004.<sup>1</sup>

Nessa época, um grupo de jovens se aproximou do MTST propondo uma reflexão sobre o papel que a cultura poderia desempenhar no movimento. Apesar de suas formações diversas, todos estavam convictos do quanto uma estratégia nesse sentido – bem planejada e executada – seria capaz de contribuir para a luta social. É importante ressaltar tal ponto porque, embora o estudo desenvolvido englobe apenas o audiovisual, este sempre pertenceu – intencionalmente – a um contexto mais amplo de criação artística, influenciando e sendo influenciado por ele.

Um ano depois, com a ocupação Chico Mendes (Taboão da Serra, 2005-2006), a Brigada de Guerrilha Cultural do Setor de Formação do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto encontra o contexto ideal para se afirmar. Tanto que o acampamento é um lugar especial onde se vive cotidianamente a luta pela construção de identidades como também porque “cultura, educação eram os espaços onde quem tava chegando começava a ver como era o movimento” (S., 2008, em entrevista).

Antes de dar continuidade ao que vinha sendo exposto até então, alguns esclarecimentos são necessários, uma vez que foi mencionado um termo bastante controverso, o qual é central e estará presente, a partir de agora, até o encerramento deste texto.

Para Castells (2006, p. 22), a identidade é “o processo de construção de significados com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o(s) qual(ais) prevalece(m) sobre outras fontes de significado”. Conforme demonstra Couche (2002), ela é sempre o encontro – na verdade, seria mais adequado falar em disputa e embate – entre auto-identidade e hetero-identidade, ambas atribuídas por grupos que dificilmente possuem o mesmo poder de nomear e se nomear.

Ainda para Castells (2006), poder-se-ia dividi-la em três tipos, uma separação que ele mesmo avalia decorrer muito mais de um recurso explicativo do que da empiria. Identidade legitimadora seria aquela “introduzida pelas instituições dominantes da sociedade no intuito de expandir e racionalizar sua dominação em relação aos atores sociais” (CASTELLS,

<sup>1</sup> Apesar do pouco tempo transcorrido desde então, atualmente o MTST é um dos maiores movimentos urbanos do País.

2006, p. 24). Já identidade de resistência poderia ser considerada a “criada por atores que se encontram em posições/condições desvalorizadas e/ou estigmatizadas pela lógica da dominação, construindo, assim, trincheiras de resistência e sobrevivência com base em princípios diferentes dos que permeiam as instituições da sociedade” (p. 24). Por fim há identidades de projeto: “quando os atores sociais, utilizando-se de qualquer tipo de material cultural ao seu alcance, constroem uma nova identidade capaz de redefinir sua posição na sociedade e, ao fazê-lo, de buscar a transformação de toda a estrutura social” (p. 24).

Sinteticamente, quando se trabalha com um conceito como identidade, é preciso ter sempre em conta seu caráter dinâmico e processual, portanto, em constante mudança, sua multidimensionalidade e complexidade e o fato de estar sempre atravessada por relações de poder. Dito isso, é o possível fechar este parêntese.

Desde o momento do surgimento da Brigada de Guerrilha Cultural até o do seu término, no final de 2007, foram realizadas diversas obras, dentre as quais foram selecionadas para análise todas as que haviam sido produzidas durante ocupações. Tal recorte se justifica pelas características particulares dos acampamentos (já referidas) e pelo objetivo principal da investigação: averiguar como o cinema estava sendo apropriado e instrumentalizado pelo MTST para auxiliar na “edificação” e/ou “consolidação” de (novas) identidades.

Sobre a importância desse tipo de projeto para o êxito de um movimento social, a seguinte citação é esclarecedora: “As formas de subjetividade em que habitamos desempenham um papel crucial na determinação de se aceitamos ou contestamos as relações de poder existentes. Ademais, para grupos marginalizados e oprimidos, a construção de identidades novas e resistentes é uma dimensão essencial de uma luta política mais ampla para transformar a sociedade” (JORDAN; WEE-DON, *apud* ALVAREZ; DAGNINO; ESCOBAR, 2000, p. 22).

Foram trabalhados, portanto, os seguintes filmes:

- *Chico Mendes: a dignidade não se rende* (2005, 33 min): primeira produção da Brigada de Guerrilha Cultural conta a história da ocupação homônima;
- *Direitos esquecidos* (2005, 13 min): provavelmente o mais difundido, já que foi exibido na televisão aberta.<sup>2</sup> É dividido em duas partes, sendo a primeira “a favela” e a segunda, “a ocupação” (esta apresentada como uma alternativa àquela);

2 Em 2005 o apresentador de televisão João Kleber foi processado por fazer recorrentemente em seu programa na “RedeTV!” comentários que ofendiam e discriminavam homossexuais, nordestinos, idosos, mulheres, deficientes, dentre outros grupos sociais. A sentença obrigou que a emissora cedesse por certo período o mesmo espaço no mesmo horário para uma série de programas produzida por diversos movimentos sociais intitulada Direito de Resposta.

- *Vídeo-Informe 1* (2007, 13 min): primeiro audiovisual realizado na ocupação João Cândido (Itapecerica da Serra, 2007). Apresenta os dias iniciais dos ocupantes na terra;
- *Vídeoinforme 2* (2007, 10 min): mostra a “Marcha dos cinco mil”, um ato promovido pelo MTST para tentar evitar o despejo da ocupação João Cândido;
- *Vídeo-Informe 3* (2007, 6 min): conta – ou recorda – ao espectador outro ato do movimento: o fechamento das rodovias Raposo Tavares, Castelo Branco e Regis Bittencourt, que paralisou a cidade de São Paulo por algumas horas. Mais uma ação cujo objetivo era conter o despejo;
- *Construindo o poder popular* (2008, 10 min): único vídeo feito na ocupação Silvério de Jesus (Embu das Artes, 2008), traz para as telas o seu cotidiano de luta. Ainda que a Brigada já tivesse sido extinta quando este foi realizado, pelo fato de ter sido feito exclusivamente por alguns de seus antigos integrantes e durante um acampamento, optou-se por incluí-lo no *corpus* a ser analisado.

No início havia a dúvida de quais seriam os protagonistas das obras: sem-tetos ou movimento social? Embora seja pelo engajamento daqueles que este existe, não são termos intercambiáveis, muito menos podem cumprir as mesmas funções dramáticas. A opção por um ou outro acarreta construções fílmicas distintas. Como esses audiovisuais são passos de um processo de instrumentalização da cultura cuja finalidade é a construção e consolidação de identidades de projeto, a escolha recaiu sobre aqueles que com sua luta e (re)existência<sup>3</sup> cotidianas fazem a causa avançar.

Tendo em que as obras aqui analisadas são produções da Brigada de Guerrilha Cultural do Setor de Formação do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto para todos os integrantes desse grupo<sup>4</sup> (base, em sua grande maioria), a resposta para a pergunta “o que é o sem-teto?”, escolhida como ponto de partida para estudar os filmes com base em um viés identitário, é muito menos explícita que diversas outras, que não poderão ser desenvolvidas neste artigo. Ou seja, não há a intenção – declarada – de dizer ao sem-teto quem ele é.

Todavia, com um olhar mais atento e após esquadrihar os filmes diversas vezes, é possível encontrar em todos eles, pelo menos, algumas definições para tais atores sociais que, multiplicadas pela experiência do cinema, se tornam muitas. Desde as mais objetivas e previsíveis até algumas que surpreendem pela ousadia e/ou humanidade.

3 (Re)existência é a maneira de grafar a palavra resistência, quando se quer dizer que com a luta os sujeitos não apenas resistem, mas se reinventam.

4 Ainda que oportunidades de exibição para outros públicos sejam bem-vindas e espaços de difusão, como a internet, aproveitados.

Em *Chico Mendes: a dignidade não se rende*, a então Secretária de Habitação da cidade de Taboão da Serra pergunta a uma liderança do movimento quem são os ocupantes, e obtém como resposta: “[São pessoas que] Moram de aluguel, moram de favor, moram em área de risco”.

Uma caracterização que para um público não muito íntimo do movimento sem-teto talvez traga alguma surpresa, já que explica que ele próprio poderia ser considerado um sem-teto. Contudo, nada que os ocupantes já não saibam, até porque, não fosse isso, dificilmente estariam onde estão – onde quer que seja o acampamento da vez. Quiçá essa seja uma das razões (certamente não a única) pelas quais a maioria das construções identitárias propostas por esses audiovisuais não se fundamentem na ausência e na precariedade, embora, evidentemente, ambas estejam presentes na imagem todo o tempo.

A mesma Secretária de Habitação (também em *Chico Mendes...*), dirigindo-se àqueles que se apresentaram como lideranças do movimento, declara, na frente dos ocupantes:

*[Você] É um dos coordenadores? Porque, assim, é a coisa da legitimidade, né? Que é uma coisa importante ter legitimidade nos movimentos, né? Não ter essa coisa de gente que pega carona [sorri]. Então, quem mais que é da liderança? Vocês dois tão muito bem vestidos para ser liderança de movimento sem-teto.*

Ao que um ocupante, em *Direitos esquecidos*, retruca:

*Enquanto a favela aumenta os governos, o Poder Público condena aqueles que não dão o direito a um trabalho digno, que não têm direito à moradia. Aí chega lá em cima do morro e fala: ‘Não, aqui são um bando de desocupados, são um bando de vândalos’. Que na verdade não é isso.<sup>5</sup>*

A batalha diária contra estereótipos (malvestidos, desocupados e vândalos são apenas alguns dos muitos que podem ser encontrados facilmente) faz parte da realidade do sem-teto. A seguir, são destacadas algumas de suas respostas, em diferentes níveis.

## Sem-teto e lutador

Ainda que não existisse nenhum pronunciamento nesse sentido, as próprias histórias que são contadas já agregariam esse valor ao sem-teto. Corroboram tal afirmação, por exemplo, as seqüências do primeiro dia

<sup>5</sup> Apesar das duas falas destacadas se encontrarem em produções diferentes, considera-se que elas (assim como todas as demais) estão em constante diálogo, uma vez que os filmes são exibidos e reexibidos diversas vezes nos acampamentos.

da Ocupação João Cândido, que integram *Video-Informe 1*. Os poucos ocupantes estão com roupas de inverno, sob um céu cinzento, tentando se esquentar à beira de uma fogueira – e, pode-se prever, o clima é úmido. Ainda nessa obra, impressiona o esforço feito por homens e mulheres de todas as idades para a construção dos barracos, o que também é bastante explorado em *Chico Mendes...*

Há também *Video-Informe 2*, cujo mote é a “Marcha dos cinco mil”. Um dos acampados mostra à câmera seu pé cheio de bolhas e, em ritmo e rima de *rap*, ressalta que isso não o impedirá de chegar ao destino dele. Nos enquadramentos mais abertos se pode ver a tentativa de algumas pessoas de se proteger do sol forte utilizando seus guarda-chuvas. Pode-se afirmar que em todas as produções há um sem-fim de atos, trancaamentos de pistas, caminhadas, protestos...

Ademais, há as contribuições da banda sonora. Algumas mais sérias, como o locutor de *Chico Mendes...*, logo em seu início: “Lutadores e lutadoras da Ocupação Chico Mendes”, ou o ocupante do Acampamento Silvério de Jesus (*Construindo o poder popular*): “Nós fazemos passeata [nas] portas de Prefeitura, Palácio do Governo. Se necessário for, fazemos atos. A fim de adquirir nossos direitos”.

Outras, valem-se do humor e de técnicas de montagem como nessa seqüência de *Construindo o poder popular*:

PALHAÇO 1 (durante apresentação no acampamento):

– Eu vim de muito mais longe que você.

PALHAÇO 2:

– Ah, é? Veio de Santos?

(Muitos militantes marcham pelas ruas. Som de *rap*.)

Volta para apresentação no acampamento.

PALHAÇO 1:

– Mais longe ainda.

PALHAÇO 2:

– Ih, de Minas Gerais.

(Muitos militantes marcham pelas ruas. Som de *rap*.)

PALHAÇO 1:

– Mais longe ainda.

PALHAÇO 2:

– Da Europa!

(Muitos militantes marcham pelas ruas. Som de *rap*.)

PALHAÇO 1:

– Eu tô falando que o bagulho é longe. (A platéia ri)

PALHAÇO 2:

– Ué, então de onde você veio?

PALHAÇO 1:

– Eu vim lá de Pirajuçara, meu. (A platéia ri)

(Militantes dentro de uma sala de prédio público. Um deles tremula a bandeira do movimento. Som de *rap*.)

PALHAÇO 2:

– E Pirajuçara agora é longe?

PALHAÇO 1:

– É longe porque não veio a pé, né? (A platéia ri)

(Militantes e carro de som seguem em marcha. Já está escurecendo.)

## Sem-teto e malandro

Para uma pessoa desprovida de propriedade (e mesmo da possibilidade de alugar alguma digna), com todas as privações que isso acarreta, ter conseguido criar uma família, conquistar alguns bens (em *Direitos esquecidos*, todos os barracos mostrados têm geladeira) e, fundamentalmente, sobreviver até o momento, é preciso malandragem, manha, jogo de cintura.

Ninguém dá o seu depoimento constatando isso. São as escolhas de linguagem de um filme realizado de/para um movimento sem-teto que transmitem tal idéia para o espectador. Valendo-se mais uma vez da montagem paralela, encontra-se em *Vídeo-Informe 3* a seguinte seqüência:

- Repressão policial aos manifestantes durante o trancamento das três rodovias.
- Plano de uma projeção no acampamento. O filme é *The Kid* (Charles Chaplin, 1921), no momento em que a criança tenta enganar o policial. A trilha sonora enfatiza claramente a esperteza do primeiro e zomba do segundo.



- Militantes na barricada. Agora a canção ouvida é “Eu também sei atirar”, do grupo Comadre Florzinha (Se queres atirar, atira/ Que eu também sei atirar/ Que eu também sei atirar).
- Cena do filme – criança levantando-se.
- No trancamento, um manifestante chuta bomba de gás pra longe. Ela cai perto dos policiais.
- Volta-se para a mesma seqüência do filme, só que com mais tempo antes e depois que trecho foi exibido. A criança olha para as mãos antes de se levantar e percebe-se que o policial está atrás dela, depois que fica de pé. Ela entra em casa, bate a porta, e o policial tem de ir embora.

Em *Chico Mendes...*, há várias situações nas quais os sem-tetos aproveitam sua inédita condição de donos dos meios de produção para debochar de policiais, do proprietário, da já citada Secretária de Educação e, claro, dos políticos, alvo de reclamações freqüentes, não apenas nesta obra. Sobre imagem de político falando na TV o locutor afirma: “Esses senhores de muita língua e pouco ouvido”.

No mesmo filme, após planos do “Ato em defesa da república e da democracia”, evento que contou com a presença de figuras ilustres, como o prefeito da cidade naquele momento, identificado por uma legenda, um convidado reclama que a palavra foi dada apenas para alguns escolhidos, e não para o povo. O plano seguinte é da Secretária de Habitação, levantando os ombros e inclinando a cabeça. Em seguida ela diz: “Assim é a democracia”.

Essa fala havia encerrado sua aparição anterior no filme, e sua motivação original foi o fato da conversa que ela estabelecia com os acampados ter sido interrompida por uma série de contações de história de vida e pelos gritos de “Queremos terra! Queremos terra!” A repetição de um plano já visto fora do contexto faz com que a personagem teça um comentário que ela jamais faria – mas o filme, sim.

### **Sem-teto e desafiador**

Em diversos momentos, a malandragem e a irreverência mencionadas se radicalizam, adquirindo tons de provocação e desafio. Em *Video-Informe 2* estão as falas nas quais tal comportamento é mais claro.

Em cima do carro de som, uma liderança do movimento tem a chance de responder, e para todos ouvirem, a um comentário que havia escutado de um policial:

*Fomos impedidos pela Polícia Militar de dar continuidade de chegada até o Palácio do Governo. O discurso colocado pelo coronel Alaor e por outros oficiais da Polícia era de que estavam a serviço da ordem pública. Pois a gente retruca: 'Ordem pública é o povo com moradia! Ordem pública é o povo com casa! Ordem pública é um governo fazendo política social pro povo!' Portanto, com todo respeito, senhor coronel, nós também estamos a serviço da ordem pública.*

O último discurso que aparece nesse vídeo também é feito por esta liderança. “Vai ter mais ocupações! Prepare-se! Prepare-se José Serra. Ou você cede ou a gente avança”! Se uma voz oficial do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto é capaz de fazer uma ameaça como essa é por avaliar que o povo, ou melhor, o povo unido e organizado, é muito poderoso.

Na mesma produção, do alto do mesmo caminhão de som, outra liderança declara:

*É imprescindível que o governador lembre de uma coisa: a vida política dele não acaba. E de dois em dois anos precisam do povo. Vão na favela, abraçam nossas crianças catarrentas e comem comida em lata de goiabada. Agora querem dizer onde a gente pode e onde a gente não pode ir. Mas a gente vai. Porque o povo, unido, jamais será vencido! O povo, unido, jamais será vencido!*

Os acampados fazem coro.

Em *Vídeo-Informe 3*, a opção é destacar a força popular por meio da música. Seu início e fim são sonorizados com uma adaptação da letra de “Pedro e Teresa” (Teresa Cristina), cantada pelos sem-tetos: “Se o povo soubesse o talento que ele tem/ Não escutava desaforo de ninguém”.

### **Sem-teto e herdeiro da luta por liberdade dos escravos**

Atrair o sem-teto em luta de hoje com as rebeliões escravas – que, apesar do ocultamento da história oficial, foram muito abundantes no Brasil – é uma preocupação que perpassa grande parte dos audiovisuais do movimento. O mais enfático, nesse sentido, é *Vídeo-Informe 1*. GOG, famoso *rapper* apoiador de movimentos sociais, com uma camiseta do MTST, declama a letra da música “Fazendo escola” (Face da morte), em atividade cultural na Ocupação João Cândido. Ele passa o microfone a alguém (não identificado) que diz: “O barraco era a antiga senzala, mas hoje é quilombo”.

Em outra seqüência, bem depois desta, vê-se planos da terra ocupada vazia, ao som de ruídos “debochados”. Lê-se na legenda: “O proprietário/-um campo de golf?”. Seguem-se os ruídos. Legenda: “As autoridades/Um aeroporto?/Uma rodovia?”. “Imprensa/Uma favela,/Povo – um quilombo!” Panorâmica do acampamento já cheio. Os barracos ocuparam os vazios vistos na seqüência anterior.

Na última inserção do locutor do vídeo *Chico Mendes...* (vale lembrar, o primeiro filme a ser feito), tem-se a seguinte montagem das pistas de áudio e vídeo:

#### LOCUTOR

“Sabemos todos, cada favela tem algo de senzala. Todo camburão também é um navio negreiro”.

(Imagem da polícia.)

#### LOCUTOR

“Toda ocupação é um quilombo”.

(Imagem de sem-teto cavando.)

### Sem-teto e solidário

Por fim, um último viés da identidade sem-teto bastante encontrado na filmografia do movimento é a solidariedade dele, a vontade de construir algo coletivamente. Em *Chico Mendes...*, uma liderança declara: “Aquele que é pobre, tem necessidade e é de luta, é meu companheiro”. Assim como o faz um ocupante do Acampamento Chico Mendes em *Direitos esquecidos*: “Eu quero uma vida melhor pra mim e pra quem tiver coragem de lutar comigo”.

E uma militante que tem grande destaque em *Construindo o poder popular* relata: “Sou sem-teto, não é? E aí eu tô lutando. Gosto do movimento. Que cava e corta. E fala, né? e grita. [Ri] As reunião, né? também. Tudo isso. As amizade que a gente pega”.

### Considerações finais

*Uma discussão interna que a gente tinha muito no momento [em que estavam preparando o primeiro filme] que era o fato de o MTST ter nascido do MST [Movimento dos Trabalhadores Sem Terra] e reproduzir muitas vezes a cultura que ele traz. Por exemplo, as nossas palavras de ordem eram as do MST, então às vezes o pessoal falava reforma agrária. Ou muita gente, até hoje, não fala MTST,*

*fala MST. Sabe, ou vai falar: 'Ah, não, são os tem-terra, lá'. Agora muito menos, porque o movimento tá muito maior, com uma influência muito maior, mas até três anos atrás ainda rolava muito isso" (N., 2008, em entrevista).*

Acredita-se que, como encerramento desta reflexão, é interessante confrontar a citação acima com as questões trabalhadas. Em 2005, quando o movimento produziu e passou a exibir continuamente *Chico Mendes: a dignidade não se rende e Direitos esquecidos*, dando início a um processo de realização audiovisual endógeno, deparava-se claramente com um problema identitário cuja resolução seria crucial para o desenvolvimento dele. Afinal, que alcance poderia ter uma organização social da qual participam pessoas que confundem o próprio nome?

Não se pretende afirmar aqui que o cinema foi o grande responsável pela solução do impasse ou pelo crescimento considerável que o MTST viveu nos últimos anos. Contudo, entende-se que a força de sua contribuição é inegável, o que pode ser ilustrado por meio um exemplo mais palpável.

Em *Chico Mendes...*, não se vê nada de novo nas palavras de ordem. "MTST – A luta é pra valer!" – e "Pátria livre: venceremos!" pertencem ao universo simbólico do MST – mas, claro, não apenas dele. "Ocupar! Resistir! Construir!" é um bordão utilizado pela quase totalidade dos movimentos de ocupações, não apenas no Brasil. E "O povo, unido, jamais será vencido!" dispensa qualquer comentário.

Já o documentário *Direitos esquecidos* começa a dar a contribuição do audiovisual para uma mudança radical desse quadro. Antes dele, alguns militantes, tendo assistido ao documentário *A batalha do Chile* (1975, 1977, 1979), de Patricio Guzman, tentavam, sem muito sucesso, emplacar junto à base o grito "Criar, criar, poder popular!" Depois de duas seqüências (seguramente exibidas muitas vezes), nas quais pessoas protestavam entoando tal palavra de ordem, ela se popularizou a ponto de estar presente mais de uma vez em *Construindo o poder popular*, realizado quase três anos e duas ocupações depois.

A partir desse e de inúmeros outros casos semelhantes, é possível perceber quão importantes foram as construções identitárias levadas às telas para a conformação dos militantes do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto nos últimos anos. A produção e a exibição cinematográficas se tornaram um poderoso disparador de imagens e sons para intervenção na realidade. Não por acaso, o projetor de vídeo que o grupo tinha foi carinhosamente apelidado de "o AR15 da Brigada de Guerrilha Cultural" (M., 2007, em entrevista).

## Referências

- ALVAREZ, Sonia E.; DAGNINO, Evelina; ESCOBAR, Arturo (Org.). *Cultura e política nos movimentos sociais latino-americanos: novas leituras*. Belo Horizonte: UFMG, 2000.
- ARFUCH, Leonor. Problemáticas de la identidad. In: ARFUCH, Leonor (Comp.). *Pensar este tiempo: espacios, afectos, pertenencias*. Buenos Aires: Paidós, 2005.
- BARBERO, Jesús M. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2002.
- BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. São Paulo: Paz e Terra, 2006.
- COUCHE, Denys. *A noção de cultura nas ciências sociais*. Bauru: Edusc, 1999.
- BERNARDET, Jean-Claude. *Cineastas e imagens do povo*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.
- TURNER, Graeme. *Cinema como prática social*. São Paulo: Summus, 1997.
- VANOYE, Francis; GOLIOT-LETÉ, Anne. *Ensaio sobre a análise fílmica*. Campinas, SP: Papirus, 1994.

